

Ana Maria Sigal

O originário e o recalque primário

Considerações sobre a formação do sujeito psíquico e as novas patologias



Blucher

O originário e o recalque primário

*Considerações sobre a formação do
sujeito psíquico e as novas patologias*

Ana Maria Sigal

O originário e o recalque primário: considerações sobre a formação do sujeito psíquico e as novas patologias

© 2025 Ana Maria Sigal

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Luana Negraes e Andressa Lira

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Beatriz J. F. Acencio

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Sigal, Ana Maria

O originário e o recalque primário : considerações sobre a formação do sujeito psíquico e as novas patologias / Ana Maria Sigal. – São Paulo : Blucher, 2025.

176 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coord. Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2533-1 (impresso)

ISBN 978-85-212-2532-4 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2531-7 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Inconsciente (Psicologia). 3. Recalque (Psicologia). 4. Recalque originário. 5. Epistemologia da psicanálise. 6. Fundamentos da psicanálise. 7. Id (Psicologia). 8. Constituição do sujeito. 9. Clínica psicanalítica. 10. Ciência na psicanálise. 11. Metapsicologia. I. Ferraz, Flávio. II. Título. III. Série.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio – O necessário trabalho de Ana Maria Sigal <i>Flávio Ferraz</i>	9
Introdução	15
1. O originário: um conceito que ganha visibilidade	25
2. O arcaico nas patologias contemporâneas	43
3. Francis Bacon e o pânico: um estudo sobre o recalque primário	51
4. A formação do eu: um estudo para ler o estágio do espelho	69
5. Dialogando com a psiquiatria	85
6. Ainda a psicanálise no campo da sexuação	107
7. Notas sobre o sexual infantil	127
8. Notas sobre o complexo de Édipo	149

Prefácio

O necessário trabalho de Ana Maria Sigal

Flávio Ferraz

O livro que o leitor tem em mãos é um trabalho necessário, porque parte de determinada visão epistemológica, rigorosa e exigente, que permitiu à psicanálise uma clareza em relação a sua fundamentação como disciplina, num movimento histórico de superação de especulações que ainda careciam de consistência científica. Claro, digo “científica” considerando a especificidade da disciplina psicanalítica, situada num terreno que não se confunde com as ciências duras ou da natureza. Ana Maria Sigal escolheu trabalhar dentro de um paradigma que chamo aqui de “necessário”, embora seja também espinhoso, na medida em que confrontou resistências escolásticas no meio psicanalítico.

Sigal se faz acompanhar de autores que se dedicaram à tarefa de esclarecer, até as últimas consequências, os fundamentos da psicanálise, contribuindo para que pudéssemos superar postulações epistemológicas frágeis e provisórias, conquanto tenham perpassado toda a história de nossa disciplina tão peculiar. A autora não deixa dúvidas quanto a seu alinhamento a determinado pensamento rigoroso, cuja marca é *a tomada dos fundamentos da psicanálise como solidários aos próprios fundamentos do sujeito psíquico*. Foi

por meio desse posicionamento conceitual que a psicanálise conseguiu abrir mão de apoios provisórios que Freud se viu obrigado a buscar a fim de fundamentar epistemologicamente sua ciência. Esses fundamentos foram buscados ora na física, ora na química, ora na biologia, e assim por diante. Mesmo os grandes autores pós-freudianos acabaram por tropeçar quando diante da exigência de responder às indagações sobre os fundamentos do sujeito psíquico, isto é, pulsional.

Como disse, esse posicionamento também foi, muitas vezes, espinhoso, pois não recuou diante do enfrentamento de toda sorte de resistências, que ora convocavam a biologia, ora desmaterializavam por completo o inconsciente freudiano, ora não faziam a devida separação entre os níveis da pulsão e da conservação. Mas a autora não cedeu a essa espécie de clamor de escolas e, assim, assumiu a incômoda posição de desafiar ideias arraigadas não só no discurso freudiano, mas também no lacaniano.

De modo sucinto, apenas a título de esclarecimento do que digo, lembro que, em Freud, as marcas originárias do sujeito, em sua história edípica, são descritas em termos de relações dentro da família tradicionalmente constituída por pai, mãe e filhos, como não poderia deixar de ser. Impõe-se, assim, certa materialidade datada e marcada por referentes culturais espaçotemporais. A castração fálica e a inveja do pênis marcam nitidamente o lugar dos sexos e a especificidade da castração. Lacan procurou desfazer, em parte, a marca dessa materialidade quanto aos referentes, ao valorizar a ideia de *falo* (à diferença do pênis) e ao propor o conceito de *Nome-do-Pai*, permitindo que ele não se confundisse com o pai propriamente dito. Entretanto, ocorre que, *nolens volens*, o falo é uma figura indissociável do pênis, e o Nome-do-Pai guarda abertamente o nome do pai. A lógica fálica e binária não só não foi superada como se reafirmou ainda mais, o que teve consequências irrefutáveis sobre o desenvolvimento teórico subsequente. Uma

delas, para ficar apenas num exemplo contundente, foi o entendimento de expressivos teóricos lacanianos de que a transexualidade não seria nada mais que uma forma de psicose (Safouan, 1979).

A saída para os impasses da saturação da teoria pelos referentes socioculturais contingentes se deu por meio da ideia de que a única condição universal do sujeito é o desamparo total de um bebê que, para sobreviver, precisa ser cuidado por um adulto. Esse é o ponto irreduzível, a chamada *situação antropológica fundamental*. Ora, essa simples constatação lança luz sobre as vicissitudes da constituição do sujeito, que se torna um sujeito pulsional na medida em que sua sexualidade é implantada por um adulto sexuado e desejante, portador de um inconsciente, do qual emanam significantes enigmáticos oferecidos ao bebê. Tais significantes são duplamente enigmáticos: para o bebê e para o adulto que os emite, por se originarem do inconsciente. Ao bebê, caberá a tarefa de traduzi-los.

Devemos a Laplanche essa descrição da situação originária. E, não por acaso, foi no encontro com esse autor que Sigal desenvolveu sua aguda visão sobre o recalque originário e sua ligação com a constituição do sujeito, tanto em sua objetividade quanto nas formações sintomáticas que virá a desenvolver. Essa chave metapsicológica se faz presente na forma como a autora concebe toda a sexuação e também a psicopatologia. Por meio dos trabalhos presentes neste livro, vemos como se fazem as elaborações conceituais fertilizadas por essa maneira arejada de compreender o originário – por exemplo, na forma inédita e criativa de estabelecer suas ligações com os ataques de pânico, que muito exigiram da metapsicologia para sua compreensão. É perceptível nos argumentos deste livro não só a influência de Laplanche como o diálogo, direto ou indireto, com suas ideias. Diálogo esse que não se limitou aos textos, uma vez que a autora privou pessoalmente do convívio intelectual com esse grande autor da literatura psicanalítica.

Assim, o *originário* é o tema deste precioso livro, que tem a qualidade de ser uma mostra coerente e consistente do pensamento da autora, desenvolvido ao longo de anos. A partir da conceituação do originário, aqui muito bem levada a cabo, vários caminhos são abertos, e vemos a autora discorrer, com o emprego desse operador conceitual, sobre problemas que sempre desafiaram a psicanálise sob o ponto de vista epistemológico. Mas sua contribuição não se restringe a essa demonstração teórica; ela se estende sobretudo a considerações sobre a clínica. Nesse quesito, cabe lembrar que Sigal partiu da psicanálise da criança, que lhe apresentou como desafio intelectual exatamente o aprofundamento a respeito da constituição do sujeito, uma vez que, para uma analista com esse grau de inquietação e refinamento, as teorias disponíveis ainda não eram suficientes para satisfazer totalmente o rigor conceitual que exigia. Sigal aprendeu com a clínica da criança e a ela retribuiu com seu pensamento e sua dedicação à transmissão. Seu trabalho sobre o lugar dos pais na psicanálise da criança (Sigal de Rosenberg, 1994) é um exemplo feliz do que ela nos ensinou, sempre questionando aquilo que parece placidamente estabelecido.

Hoje, para além da clínica da criança, essa exigência de rigor se aplica à necessidade de estabelecer uma metapsicologia que, livre dos referentes datados, se afeire ao que é universal e, desse modo, atenda as expectativas de uma clínica que responda aos desafios da diversidade sexual, do racismo estrutural, e assim por diante. Assim, o que Sigal (2009) escreveu já há anos vem, neste livro, revelar sua potência para dar conta dos mais duros desafios que a psicanálise enfrenta na contemporaneidade. Quando muitos pretendem inventar a roda para, supostamente, responder a questionamentos contemporâneos à psicanálise, encontramos nos textos de Sigal o rigor epistemológico peculiar a quem pode “fazer Freud trabalhar” e, assim, mostrar que a psicanálise pode desdobrar a si mesma em

conceitos que se coadunam com sua essência revolucionária no campo do pensamento.

Portanto, este livro chega em boa hora, dado o momento de transformações culturais que vivemos e sua incidência sobre a clínica psicanalítica e as políticas da psicanálise. Aqui se consolida a experiência de uma analista que, depois de ter tido uma sólida formação numa Argentina efervescente, contribuiu e contribui expressivamente, por mais de quatro décadas, para a formação de analistas no Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, como partícipe fundamental da consolidação da psicanálise brasileira para além das fronteiras da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Referências

- Safouan, M. (1979). Contribuições à psicanálise do transexualismo. In M. Safouan, *Estudo sobre o Édipo: introdução a uma teoria do sujeito* (A. S. Styzei, Trad.). Jorge Zahar.
- Sigal, A. M. (2009). *Escritos metapsicológicos e clínicos*. Casa do Psicólogo.
- Sigal de Rosenberg, A. M. (Org.). (1994). *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. Escuta.

Introdução

O originário e o recalque primário se referem às primeiras marcas que impactam o aparelho psíquico. São as marcas que dariam origem ao inconsciente e seriam produzidas por experiências muito arcaicas, que não chegariam à consciência, pois sua característica é não fazer ligação com outras representações, ficando inscritas como fixações que não alcançam o estatuto representacional ideativo ou representação-palavra. Relacionadas à representação-coisa, funcionam durante a vida como polo de atração de marcas que decorrem da história. Eis aqui uma das grandes questões que provocam tensão na obra freudiana: o que pertence ao mundo do vivido pelo sujeito ao longo da vida, sua história e sua singularidade, e o que seriam marcas provenientes da filogênese do sujeito, operando com certa universalidade na espécie humana. Essa questão, aparentemente simples, põe em jogo toda a teoria, pois nos faz deparar com a origem do inconsciente. Há inconsciente desde as origens? Existe o que precede o sujeito e é herdado como acervo biológico da espécie? Temos uma resposta única e definitiva? Sem dúvida, não. Não há uma resposta única e, diante dessa questão da origem, as diversas teorias sobre a constituição do sujeito seguiram fundando escolas.

Um tema tão importante tem sido pouco explorado e retrabalhado a partir da obra freudiana. Durante minha formação, retornava a essa questão e encontrava em Freud caminhos quebrados. Por isso, essa foi uma das linhas de pesquisa que desenvolvi em meu trabalho. Em primeiro lugar, era preciso garimpar, na obra freudiana, a abordagem desses temas. Eles aparecem aos poucos e entrecortados, e, quando me deparava com eles, a resposta era evasiva, contraditória ou insatisfatória. Foi assim que tomei consciência de ser um dos temas que nunca abandonaram Freud. A dualidade entre o biológico, a potência do adquirido e a palavra subsiste até o final de sua obra. Podemos ver que aparece no “Projeto para uma psicologia científica” (1950[1895]/1986a) e o acompanha até o fim da vida, em “Construções em análise” (1937/1986c). A questão das origens e a função do biológico permeiam também as discussões em torno dos conceitos de instinto e pulsão.

Recalque primário? Acho que até hoje vários psicanalistas muito bem formados na teoria freudiana fazem referência passageira a esse conceito, pois encontram dificuldade para responder a certas perguntas. Em diversos escritos e seminários sobre neuroses, em que é tão bem abordado o conceito de recalque secundário, a única explicação que se dá sobre o recalque primário é que é o polo de atração do recalque secundário. Foi essa inquietação que me levou a pensar que um livro temático sobre as origens e os primeiros momentos da formação do sujeito, assim como sobre a sexualidade infantil, seria oportuno, pois ofereceria um caminho para ajudar a desvendar as fendas que fizeram esses temas ficar ocultos ou esquecidos na obra freudiana.

O originário também aparece em várias versões e alcança desenvolvimentos mais extensos, embora, em certo momento, por falta de ferramentas conceituais, Freud recorra a um paradigma muito questionado e discutido, apelando para a concepção filogeneticamente herdada das fantasias originárias. Autores como

Laplanche e Lacan oferecem caminhos de saída conceituais mais consistentes para explicar a implantação do originário. Abordam a implantação do inconsciente apoiando-se fundamentalmente no lugar do outro, que imprime as primeiras marcas, o que, segundo Laplanche, se dá por meio da mensagem enigmática da mãe e, para Lacan, por meio da metáfora do desejo materno. Já Melanie Klein entende a biologia como um polo de apoio determinante. Debruça-se mais sobre o instinto e entende as fantasias como as representações mentais dele. Uma vez determinada a origem, apoiada no que vem com o sujeito, desenvolve um repertório altamente criativo para descrever o mundo fantasmático da criança. Ela talvez seja quem se propõe voos mais altos, ao abordar o tema do feminino a partir do lugar que o ser mulher lhe permite, encontrando uma equivalência mais equânime entre os gêneros. Fala da existência de uma figura combinada que engendra os órgãos maternos e paternos, abrindo um caminho mais interessante para falar das diversidades.

No artigo “O estádio do espelho como formador da função do eu”, Lacan (1949/2003) trabalha os primórdios da constituição do eu. Como esse texto apresenta grandes dificuldades de compreensão para quem não conhece Lacan, escrevi há alguns anos um trabalho que figura neste livro, intitulado “A formação do eu: um estudo para ler o estádio do espelho”.

Esse tema sem dúvida se entrelaça com outros conceitos freudianos que utilizam *ur* – prefixo verbal alemão que aparece em diversos artigos do autor – para se referir ao primário. Podemos citar dois exemplos: *Urphantasien*, a fantasia de cena primária, de sedução e de castração, e *Urszenen*, as cenas originárias. Em Freud, é aquilo que está nas origens, e consideramos aqui as fantasias originárias e as teorias sexuais infantis intimamente ligadas.

Durante anos, no Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, ministrei um seminário cujo tema era “A formação do

sujeito psíquico na obra de Melanie Klein, Winnicott, Lacan e Freud”. Por incrível que pareça, a maior dificuldade que eu encontrava era nos textos freudianos, pois a maioria dos textos dele que incursionam nessa temática são do fim do século XIX, temática que depois ele abandona. A partir daí, Freud faz um forte investimento no estudo metapsicológico das neuroses de transferência e das formações do inconsciente. A famosa carta 69, de 21 de setembro de 1897, em que diz: “Não acredito mais na minha neurótica” (Freud, 1994, p. 284), marca um ponto de virada na determinação das fantasias nas doenças psíquicas. Em 1895, Freud publica com Breuer os *Estudos sobre a histeria* e avança nesse caminho. Em textos anteriores, que incluem as cartas de Freud a Fliess, como a carta 52, Freud escreve sobre os germens das primeiras inscrições, o recalque primário, a pulsão e a constituição do sujeito do inconsciente. Toca também em questões que mais tarde apontaram para uma clínica ligada às neuroses atuais. Esses textos foram revisitados nos trabalhos aqui apresentados e recomendamos sua leitura, mas é o “Projeto para uma psicologia científica” que confronta Freud com um impasse para o qual ele não encontra saída. Começa sua pesquisa e depois a põe de lado, fazendo pequenas referências a ela no decorrer de sua obra. Lembremos que Freud partiu de sua formação como neurologista para adentrar a psicanálise. Durante certo tempo, viveu obcecado por ter que abandonar a neurologia. Isso despertava nele a ideia de estar abandonando a medicina e a ciência, o que o perseguiu por muitos anos, até que finalmente, com clareza, na obra *A questão da análise leiga* (Freud, 1926/1986b) retira a psicanálise do campo da medicina e da psicologia. Esse texto fundamental apresenta a psicanálise como um saber cuja particularidade é a ética que o constitui, tirando-o do campo profissional para inseri-lo no campo de um ofício, de transmissão artesanal, baseada na própria análise e na história do inconsciente do analista.

Numa carta enviada a Fliess em 27 de abril de 1895, a carta 23, Freud se queixa de que vive atolado no “Projeto para uma psicologia científica”, o qual o consome por completo, a ponto de estar trabalhando em excesso e vendo-se obrigado a interrompê-lo. Ele diz jamais ter estado tão preocupado com coisa alguma. O que o atormenta é, em primeiro lugar, averiguar que forma a teoria do funcionamento psíquico adquire quando se introduz nela um enfoque quantitativo, uma espécie de economia da energia nervosa, e, em segundo lugar, como extrair da psicopatologia o que seja útil para a patologia normal. Termina dizendo que buscar essas explicações o levou a um caminho sem fim, pois devia explicar algo que pertence à natureza humana. Ele se vê obrigado a elaborar problemas do sono, da memória, da percepção, da defesa – em suma, da psicologia toda – e declara não querer saber mais desse problema.

Sem dúvida, essa dificuldade se reflete na sua obra. Concluído o “Projeto para uma psicologia científica”, ele passa a investigar as neuroses. Durante anos, não se estudou na formação de analistas esse texto, que ficou esquecido e cancelado, acompanhando a aflição de Freud. Lembro que já tinha percorrido uma boa parte dos escritos freudianos na minha formação quando um coordenador de seminário clínico, com quem estudava na época, nos propôs discutir esse trabalho. Era uma raridade em 1968, um texto totalmente banido dos estudos freudianos. Foi aí que começou também meu desejo de entender com o que Freud estava se deparando na época em que o “Projeto” lhe tirava o sono.

Entre os textos publicados neste livro, há um artigo de imersão nessa parte da metapsicologia freudiana: “O originário: um conceito que ganha visibilidade”, sobre as formulações que envolvem “o primeiro” em Freud, deixando evidente que o primário, ou o primeiro, não é o primitivo. O originário e o primário poderiam levar ao engano se tentássemos introduzir a variável de uma

temporalidade linear na compreensão dos fenômenos psíquicos (Alonso, 2011).

Para abordar o tema das origens do inconsciente, trato em profundidade da metapsicologia de Laplanche, o qual muito colaborou para compreender essa questão. Desde seu texto com Serge Leclair, apresentado no Colóquio de Bonneval, intitulado “O inconsciente: um estudo psicanalítico” (Laplanche & Leclair, 1960/1992), Laplanche se pergunta sobre o realismo do inconsciente.

Conheci Laplanche em 1971. Visitei-o em Paris para começar a editar algumas obras em espanhol e, desde então, mantive com ele e com Silvia Bleichmar um contato permanente, de trocas, buscando adentrar as origens do sujeito psíquico. Sem dúvida, o trabalho com crianças me induziu a aprofundar essas questões.

Podemos dizer que o estudo dessas problemáticas foi uma emergência da época, porque Piera Aulagnier (1975/1977) também considera a fundo o tema das origens, enunciando uma metapsicologia para pensar a constituição do sujeito psíquico e, especialmente, a representação. A proposta dela inclui a abordagem do registro psíquico em três instâncias: o originário, o primário e o secundário, tema que examino no capítulo mencionado.

Os capítulos deste livro foram escritos há vinte ou trinta anos, mas constato que suas ideias seguem vigentes. Já no fim de 1997 esses conceitos despertam minha atenção e começo a pesquisar também sua relação com a clínica. Como Freud abandonou o estudo das neuroses atuais, a princípio não associamos a relação das inscrições fixadas no recalque primário com a possível emergência de efeitos não simbolizados, com a aparição da pura presença de traços que não têm nada a narrar, nenhuma história a contar. Hoje estamos diante de outra realidade. A teoria das neuroses não deu conta de todos os fenômenos que os pacientes nos mostravam, e tivemos que rever nossos estudos, buscar linhas perdidas.

Atualmente, tem ressurgido essa pesquisa, retomando as patologias de borda ou as patologias nas quais devemos nos apropriar de outros conceitos que não o recalque secundário. Há um retorno ao estudo das neuroses atuais, tema que ganhou muita relevância e que estava enunciado nos textos que hoje apresento a vocês. O artigo “Francis Bacon e o pânico: um estudo sobre o recalque primário”, já no ano 2000, desenvolvia a ideia do não tramitado que emerge sem inscrição na cadeia simbólica, produzindo um retorno ao corpo.

Uma recente e relevante obra sobre o assunto é *O grão de areia no centro da pérola: sobre as neuroses atuais* (Ritter & Ferraz, 2022). Transcrevo aqui a orelha que fiz para esse livro, que explicita a ancoragem de meus trabalhos com as produções atuais:

Este excelente livro traz o frescor de uma psicanálise que ousa se repensar. Foi escrito por psicanalistas que se indagam sobre os avanços em seu tempo e mostram como as primeiras teorizações freudianas sobre as “neuroses atuais” podem ser renovadas para auxiliar na compreensão do mal-estar contemporâneo. Os temas abordados aqui tratam daquilo que resiste à simbolização. Sua leitura, portanto, nos lança no campo das marcas que reaparecem como corpos estranhos e dos excessos que transbordam, seja pela impossibilidade da tramitação psíquica ou pela ausência da via representacional. É o campo da invasão pulsional do eu e da descarga em ato, decorrentes do fracasso do recalque primário e da irrupção da energia não ligada. É o campo, em suma, dos limites do psiquismo. Os autores escrevem sobre o sofrimento dos sujeitos na atualidade e as formas de adoecimento que lhe são correlatas. Já não se trata apenas das neuroses históricas – como as denominou

Freud –, mas das patologias de “borda”, cuja frequência aumentou vertiginosamente nas últimas décadas.

Devo reconhecer que foi difícil migrar para novas interpretações de conceitos há muito estabelecidos. Num texto aqui publicado, “Dialogando com a psiquiatria”, faço uma tentativa de entender, por exemplo, a síndrome do pânico como uma neurose fóbica produto do recalque secundário. Embora eu já estivesse estudando novos aspectos da metapsicologia e aceitasse novas formas de aparecimento de sintomas, insisti em propor uma escuta mais aprofundada para encontrar o sintoma falando, como faria numa neurose de transferência. Nos textos posteriores, já consigo dar uma virada, pois rever a metapsicologia muda a compreensão da psicopatologia.

Resolvi incluir no livro dois textos antigos sobre o Édipo e a sexualidade infantil porque são textos que funcionam como base e pilar da construção teórica. Mesmo tendo revisto e reinterpretado muitos conceitos, a semente da sexualidade infantil e da triangulação como ferida narcísica que cria uma fenda na fantasia de ser um com o outro permanece. Sem evocar o falo nem chamar o terceiro de pai, significantes que representam as determinações machistas da época, que atribuíam um lugar hierárquico à figura masculina e seu representante, o falo, a entrada do terceiro, do outro que rompe a díade, é uma questão que deve ser trabalhada. Penso que aqui não devemos nos apegar à ideia de gênero, e sim ao processo que essa operação implica. Em sua obra, Freud não deixa de incluir uma sexualidade aberta e multifacetada, no Édipo ampliado e nas fantasias da sexualidade perversamente polimorfas. Seus escritos abrem o caminho para pensar em todas as diversidades. Nos trabalhos sobre o Édipo, Freud mostra que a criança tem todas as opções possíveis para definir sua sexualidade. Não é uma escolha, mas uma determinação relacionada com a singularidade do sujeito

e o percurso de sua história. Quando retomamos essas questões, vemos que a definição naturalista se apaga, que Freud não está falando do sexo, e sim da sexuação e das diversas formas como o sexo é representado e inscrito no inconsciente.

Freud, como todo pensador, está atravessado por sua época. Devemos ser capazes de reinterpretar e estender a compreensão de suas teorias, recolocando os problemas na transversal do tempo atual. Se não fosse assim, todas as filosofias, as antropologias, a literatura e a história cairiam em desuso e precisariam ser canceladas. Até mesmo as ciências duras são relativas ao tempo e ao espaço em que se produzem. A maçã newtoniana não cai na mesma velocidade fora da órbita terrestre. Este livro, ao incluir esses trabalhos, vem reafirmar a posição de que a psicanálise ainda tem a ver com a sexualidade infantil e seu percurso. Ao oferecer, no capítulo sobre o Édipo, um trabalho comparativo entre a posição de Sigmund Freud e a de Melanie Klein em relação ao tema, optamos também por descancelar essa psicanalista, que tanto produziu e nos ensinou na clínica, e que foi posta em xeque por puro preconceito e atropelada pelo estruturalismo. Espero que, apresentando ao leitor essas questões, seja possível trabalhar por *après-coup*, também num tempo psicanalítico, voltando a conceitos que pensávamos já superados, e assim submeter a teoria a novos reordenamentos, que façam florescer uma nova riqueza. Como produto das flores, espero os frutos. Desejo a todos uma boa leitura.

Referências

- Alonso, S. L. (2011). O tempo que passa e o tempo que não passa. In S. L. Alonso, *O tempo, a escuta, o feminino*. Casa do Psicólogo.
- Aulagnier, P. (1977). *La violencia de la interpretación: del pictograma al enunciado* (V. Fischman, Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).

- Breuer, J., & Freud, S. (1985). Estudios sobre la histeria. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad.; Vol. 2). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1986a). Proyecto de psicología. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad.; Vol. 1, pp. 323-446). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1986b). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad.; Vol. 20, pp. 165-244). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1986c). Construcciones en el análisis. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad.; Vol. 23, pp. 255-270). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1994). *Cartas a Wilhelm Fließ: 1887-1904* (J. L. Etcheverry, Trad.). Amorrortu.
- Lacan, J. (2003). El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. In J. Lacan, *Escritos 1* (T. Segovia & A. Suárez, Trads.; pp. 86-93). Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1949).
- Laplanche, J., & Leclaire, S. (1992). O inconsciente: um estudo psicanalítico. In J. Laplanche, *Problemáticas 4: o inconsciente e o id* (A. Cabral, Trad.; pp. 215-266). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960).
- Ritter, P., & Ferraz, F. (Orgs.). (2022). *O grão de areia no centro da pérola: sobre as neuroses atuais*. Blucher.



É a partir de um longo e rigoroso trabalho metapsicológico e de uma ética cristalina que Ana Maria Sigal escreve este livro, um trabalho incansável para compreender conceitos fundamentais e transmiti-los com clareza e precisão. A autora mergulha às vezes nos primeiros escritos freudianos, mas mostra que é em manifestações clínicas muito atuais, como o pânico, que os conceitos ali presentes ganham força e importância.

Reconhecendo a sexualidade no seu espectro amplo – do sexual à sexuação – como pilar fundamental da teoria, defende com afinco essa posição, opondo-se aos pensamentos que tentam esvaziá-la. Propõe um trabalho permanente da teoria, para apontar onde a ideologia de cada época nela se infiltrou, a fim de reformulá-la. Mas deixa claro que “nem tudo é negociável”.

– **Silvia Leonor Alonso**

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2533-1



9 788521 225331



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O originário e o recalque primário

Considerações sobre a formação do sujeito psíquico e as novas patologias

Ana Maria Sigal

ISBN: 9788521225331

Páginas: 176

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
